



BOLETIM SOBRE DIREITOS HUMANOS



<https://multimedia.europarl.europa.eu>

www.cddmoz.org

Terça - feira, 22 de Outubro de 2024 | Ano V, n.º 298 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

21 DE OUTUBRO:

O dia em que o Governo se mobilizou para atacar o povo

- Pelo menos três pessoas morreram. Há mais de uma centena de pessoas feridas nos bairros da Maxaquene, Xiquelene, Hulene e Malhazine que estão a receber tratamento caseiro porque têm medo de se apresentarem nos hospitais públicos. A meio da tarde, um helicóptero com distintivo da Polícia sobrevoou alguns bairros de Maputo espalhando gás lacrimogéneo sobre as residências. No princípio da noite, blindados e Mahindras circulavam nos bairros, numa missão de caça às bruxas.



Créditos: O País



Créditos: O País

Em mais um ataque vil à democracia e aos direitos humanos, ontem, segunda-feira, 21 de Outubro, cidadãos de quase todo o país foram alvo de violência pela Polícia da República de Moçambique (PRM), quando pretendiam manifestar-se em repúdio ao assassinato bárbaro e covarde na sexta-feira, 18 de Outubro, de Elvino Dias, advogado e assessor jurídico do candidato presidencial Venâncio Mondlane, e Paulo Guambe, mandatário do partido Povo Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique (PODEMOS), o partido que suporta a candidatura presidencial de Mondlane.

A intervenção da Polícia, que, pela primeira vez, contou com o reforço de um helicóptero – num país que está a soluçar perante os raptos, supostamente

por falta de meios – e *snipers* espalhados no topo de alguns edifícios nas principais cidades, resultou em pelo menos três vítimas mortais em Maputo e Tete, mais de cem feridos, na sua maioria em Maputo, o principal palco das atrocidades policiais, que incluem ataque aberto e deliberado contra jornalistas. Há dezenas de detidos arbitrariamente.

A manifestação, que acabou não acontecendo, porque a Polícia negou esse direito aos moçambicanos, tinha sido convocada por Venâncio Mondlane, no domingo, 19 de Outubro, a seguir à vigília de homenagem às vítimas do atentado de sexta-feira.

Em Maputo, a manifestação tinha como ponto de concentração o local do assassinato de Elvino Dias e Paulo Guambe, na “Primavera”, Coop, ao longo da

Av. Joaquim Chissano, local que antes mesmo da hora da concentração estava cercado por um aparato policial que lembra um cenário de guerra ou, pelo menos, de uma operação de caça a um líder de um grupo qualquer de máfia internacional.

As principais vias de acesso ao local estavam bloqueadas por blindados e o local cercado por agentes de todas as especialidades da Polícia com cães. Um helicóptero com distintivo da PRM sobrevoava o local e completava o cerco a um grupo de cida-

ãos indefesos empunhando cartazes, dísticos e entoando cânticos, clamando por Justiça e pelo fim da ditadura.

Enquanto o helicóptero sobrevoava a zona, o contingente destacado em terra avançava em direcção aos cidadãos que se concentravam para o início da manifestação pacífica, disparando balas de borracha e lançando gás lacrimogénio, forçando a dispersão dos manifestantes, de activistas e jornalistas, causando pânico generalizado.

Ataque directo e deliberado contra jornalistas

Ainda em Maputo, minutos depois da repressão policial, chega ao local o candidato presidencial Venâncio Mondlane. Em declarações à imprensa, aquele candidato presidencial explicou que não se fizera ao local da concentração à hora marcada, porque a sua residência estava cercada por agentes da Polícia que o impediam de se juntar aos manifestantes.

Mondlane falava aos jornalistas para fazer o balanço preliminar da greve de paralisação que havia convocado para o dia de ontem, que, segundo ele, se efectivou em 95%, usando como base de sustentação o facto de as principais cidades de Moçambique se terem transformado em cidades-fantasma.

“Quero mandar todos os jovens neste momento para cessar a greve. O nosso objectivo foi alcançado, as actividades económicas e outras foram paralisadas em 95%. Apenas 5% das actividades essenciais estão em funcionamento. Isso mostra que os moçambicanos abraçaram a nossa causa. Os moçambicanos estão de parabéns”, disse Mondlane.

Antes mesmo de Mondlane terminar a sua comunicação, que incluía a paralisação das manifestações contra o homicídio, a Polícia voltou à carga atirando gás lacrimogénio e disparando balas de borracha. Da intervenção policial, vários jornalistas



Créditos: O País

inalaram gás lacrimogénio, tendo alguns ficado inconscientes, numa acção que se acredita que visava capturar ou assassinar Mondlane.

O candidato saiu ileso, mas a intervenção policial provocou mais de 20 feridos, dos quais: um repórter de imagem da STV, um jornalista da TV Glória; Bruno Gomes, Jurista, Fotógrafo e Director de Programas da Cooperativa Repensar; um segurança de Venâncio Mondlane, de nome Amade António, e um jovem apenas identificado por Domingos. Todos foram atingidos por balas de borracha disparadas pela Polícia.

Nos dois momentos, foi a Polícia que partiu para cima do cidadão com violência.

Invasão aos bairros

Depois da cessação dos protestos nas proximidades do local dos homicídios, a Polícia decidiu invadir os bairros, lançando gás lacrimogénio e efectuando disparos, em alguns casos usando balas verdadeiras, o que provocou a morte de pelo menos duas pessoas em Maputo e mais de uma centena de pessoas feridas nos bairros da Maxaquene, Xiquelene,

Hulene e Malhazine, que estão a receber tratamento caseiro, porque têm medo de se apresentar nos hospitais públicos. A meio da tarde um helicóptero sobrevoou alguns bairros de Maputo espalhando gás lacrimogénio sobre as residências. No princípio da noite, blindados e Mahindras circulavam nos bairros, numa missão de caça às bruxas.



Créditos: O País

Em Tete, um cidadão foi assassinado na sequência de disparos feitos pela Polícia durante uma manifestação, na zona da báscula, no bairro Matundo.

Até hoje a Polícia ainda não se pronunciou sobre a sua actuação de ontem, que entra para a história como das actuações mais violentas contra cidadãos que pretendem exercer o direito constitucional à manifestação.

A acção da Polícia violou gravosamente os direitos humanos, com destaque, para além do direito à manifestação, para o direito à vida, à integridade física e à saúde. Foram também agredidas as liberdades de imprensa e de expressão, enquanto valores fundamentais em qualquer sociedade que se pretende democrática.

Moçambique vive uma crise pós-eleitoral. A opo-

sição, sobretudo Venâncio Mondlane e o PODEMOS, contestam os resultados eleitorais apresentados pelas Comissões Provinciais de Eleições que dão vitória ao partido Frelimo e ao seu candidato Daniel Chapo. Mondlane e PODEMOS reclamam vitória. A crise pós-eleitoral escalou com o assassinato de Elvino Dias e Paulo Guambe. Para já, Venâncio Mondlane declarou uma pausa nos protestos e disse que nos próximos dias iria anunciar os passos subsequentes. “Estamos a prever quatro etapas, esta foi a primeira e faltam três”, disse Mondlane na sua última aparição pública. Na noite de ontem, Mondlane fez uma publicação na rede social “Facebook” dizendo que estava “em parte incerta”, uma expressão muito usada sempre que o falecido e carismático líder da Renamo, Afonso Dhlakama, se refugiava nas matas da Gorongosa.




Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungu
Assistentes do Programa: Artur Malate; Yara Carina Lamúgio; Stella Bié
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

